

Técnico e Filósofo: Como Desenvolver a Relevância e o Capital Intelectual dos Combatentes de Informações do Exército

James E. Shircliffe Jr.

Primeiro Colocado no Concurso de Redação das Op Info

SÃO INÚMERAS AS discussões, os artigos, os livros e as apresentações que enfatizam a necessidade de o Exército competir com mais efetividade contra uma variedade de atores estatais e não estatais no ambiente de informações. No entanto, o Exército se esquece, muitas vezes, de que essa competição não ocorre entre organizações grandes e impessoais. É uma luta de um grupo de profissionais — os “combatentes de informações” — que devem enfrentar adversários ágeis e criativos, que nem sempre seguem as mesmas regras de engajamento ou as restrições morais impostas às Forças dos EUA. Falar sobre como influenciar o ambiente de informações é fácil, mas estará o Exército pronto para investir em um regime educacional não tradicional e em um plano de carreira que proporcione crescimento profissional aos oficiais de Operações de Informações (Op Info)?

A chave para o desenvolvimento de uma especialidade de informações consistente — e de sua correspondente cultura — está na criação de uma cultura organizacional mais ampla, no âmbito do Exército, que valorize a contribuição das Op Info. O primeiro passo desse esforço é desenvolver um grupo de combatentes de informações com tal capacidade e qualidade que lhes seja fácil demonstrar seus conhecimentos e explicar o que podem fazer por seus comandantes, dizer-lhes de quais meios necessitam para cumprirem suas missões e, por fim, executá-las. No entanto, a especialidade de Op Info não

é a mais fácil no Exército e tampouco o são as habilidades essenciais a ela associadas. A formação do pessoal de informações deve incluir vários afastamentos do serviço para treinamento em ciências exatas e humanas e oportunidades para imersão em culturas e idiomas. Tanto em campanha quanto nos corredores do Pentágono, Op Info bem-sucedidas exigem oficiais que consigam que elas sejam reconhecidas como uma ferramenta com valor agregado dignas do mesmo reconhecimento que recebem a Artilharia ou o Apoio Aéreo Aproximado. Essa é uma habilidade burocrática que devemos identificar e cultivar; é quase sempre essencial para que as Op Info deem resultado e é algo que não pode ser ensinado.

O Desafio

As informações recebidas afetam a cognição das pessoas e, por conseguinte, o modo como agem ou deixam de agir. Se pudermos manipular adequadamente as informações que uma população-alvo recebe, poderemos dirigir suas ações de uma forma que seja vantajosa para nossos objetivos nacionais e operacionais. Essa população-alvo pode ser de qualquer tamanho: um único indivíduo (um líder nacional, por exemplo), o estado-maior de uma brigada, os moradores de uma cidade ou toda a população de um país.

Em geral, o objetivo do comandante é afetar o processo decisório do comandante adversário e o moral de seus soldados. Esse é o objetivo de toda manobra, surpresa, desbordamento ou até mesmo do uso dos trajes excêntricos dos bárbaros que enfrentavam os exércitos da República Romana. A movimentação de meios cinéticos [que envolvem

James E. Shircliffe Jr. é gerente de programas no Federal Bureau of Investigation — FBI, em Washington, DC. Ele trabalhou como analista de Inteligência para uma variedade de órgãos do governo, incluindo o Departamento

de Defesa e o FBI. Suas áreas de especialização incluem a contrainteligência e a análise de operações técnicas. Shircliffe é bacharel pelo Virginia Military Institute e é mestre pela American Military University.



Uma Tenente da Força Aérea dos EUA, oficial de Operações de Informações da Equipe de Reconstrução Provincial de Zabul, observa a cidade durante uma patrulha de presença nos arredores da cidade de Qalat, Afeganistão, 23 Jul 10.

o emprego de força — N. do T.] em relação aos da Força oponente, ou seu deslocamento para uma região sensível (como a capital de uma nação), pode gerar medo, alterar o cálculo de custo-benefício e levar a operações diversionárias limitadas. O custo-benefício recalculado pode inviabilizar linhas de ação do inimigo e levá-lo a tomar iniciativas que sejam vantajosas para as Forças amigas. Um exemplo mais contemporâneo do emprego da Força militar para influenciar populações específicas é a doutrina do “choque e pavor” [ou “*shock and awe*”, como ficou conhecida a estratégia empregada na invasão do Iraque, em 2003 — N. do T.]. Por vezes, o propósito da guerra de movimento pode não ser o atrito entre Forças, mas a exploração da psique do inimigo ao serem apresentadas informações por meio da disposição das tropas.

A Publicação Conjunta 3-13 (*Joint Publication 3-13*) define Operações de Informações:

O emprego integrado das capacidades específicas de guerra eletrônica, de operações de redes de computadores, de operações

psicológicas (Op Psico), de dissimulação militar e de segurança de operações, em conjunto com capacidades de apoio específicas e relacionadas, para influenciar, interromper, corromper ou usurpar a tomada de decisões humana ou automatizada do adversário, enquanto protegem as nossas¹.

Existem operações cinéticas e há as Op Info — ou seja, todas as demais capacidades de combate capazes de alterar a tomada de decisões do adversário, sem empregar meios cinéticos. Isso é como consideramos as Op Info hoje — como o “outro tipo” de operação. É o lugar comum em que “depositamos” todas as nossas capacidades que não envolvem o “verdadeiro” trabalho do Exército: a concentração de poder de fogo sobre o alvo. Embora muitos possam discordar, é inquestionável o fato de que os oficiais-generais do Exército conquistaram suas estrelas por seguirem carreiras ligadas à vertente cinética da Força. Com relação à cultura corporativa do Exército, os especialistas de informações enfrentam um desafio que em nada difere daquele

que foi enfrentado pela comunidade de Forças de Operações Especiais até que a Operação *Eagle Claw* [Uma tentativa das Forças Armadas estadunidenses de resgatar 52 americanos da Embaixada dos EUA em Teerã, Irã — N. do T.], em 1980, demonstrasse o custo da negligência.

Treinamento: Conquistar a Aceitação por meio da Relevância

A crescente centralidade das Op Info na doutrina do Exército deve suas origens às atuais campanhas no Iraque e no Afeganistão. Ataques com dispositivos explosivos improvisados acionados por controle remoto, moradores locais hostis, boatos lançados pela internet e outros reveses menos óbvios frustraram os planos de muitos comandantes, por muito tempo. A verdadeira questão é se as Op Info irão sobreviver à nossa inevitável retirada desses dois teatros de operações.

Parece improvável que o Exército descarte completamente as Op Info quando se encerrarem as campanhas no Iraque e no Afeganistão, do mesmo modo como fez com as unidades de Op Psico, imediatamente após o Vietnã. A Força fez isso, à época, em um esforço para apagar o estigma gerado por aquele conflito, mas a globalização de hoje já entrelaçou tão intimamente o movimento de pessoas, de material e de informações, que o “ambiente de informações” é agora o principal campo de batalha. Essa interconexão traz, consigo, um conflito. Aqueles que acreditam serem vítimas da globalização agora podem facilmente alcançar e atacar aqueles que tenham se beneficiado dela.



Força Aérea dos EUA, Cb Nathanael Callon

A oficial de Operações de Informações da Equipe de Reconstrução Provincial de Zabul auxilia alunas afegãs a decorar xales na escola feminina de Zarghona, na cidade de Qalat, Província de Zabul, Afeganistão, 8 Jul 10.

Assim, os “combatentes de informações” terão que permanecer em serviço para defender nossos interesses dispersos pelo mundo, quando chegar o próximo conflito — que sem dúvida virá.

Para ser útil aos nossos comandantes de hoje e para evitar o mesmo destino das unidades de Op Psico na reestruturação do Exército após o Vietnã, os especialistas de informações devem mostrar sua relevância aos oficiais que serão os generais do futuro.

Eu recomendo uma abordagem tripartite para desenvolver a capacidade intelectual e a relevância operacional do combatente de informações: conhecer seu público, conhecer suas ferramentas e conhecer a organização.

- **Conhecer seu público.** Diversos artigos de jornais já começam a discutir a importância que têm as habilidades em idiomas e a conscientização cultural para uma Força terrestre contemporânea — algo justo e natural, dado o impacto que a deficiência nessas habilidades exerceu sobre as operações em curso. Em plena concordância com essa visão, o Corpo de Fuzileiros Navais e o Exército, enfim, perceberam o valor da conscientização cultural e do aprendizado de expressões básicas para reduzir o atrito entre suas patrulhas e as populações locais.

Ainda assim, o Exército não está preparando o tipo de combatente de informações que possa produzir o impacto cognitivo com o mesmo efeito que conseguem as equipes de propaganda do Hamas, do Hezbollah ou da Al-Qaeda. O objetivo de qualquer campanha de Op Info é influenciar a população — alterar suas decisões — moldando as informações que ela absorve. Essa tarefa é impossível se os filtros perceptivos que afetam tal consumo de informações não forem bem entendidos: o idioma, as crenças individuais, a dinâmica dos grupos, as pressões sociais e as normas culturais. O especialista de informações deve conhecer o impacto religioso de uma dada expressão no idioma do público-alvo, a gíria usual e como empregar o idioma de acordo com as diversas faixas etárias, na televisão, na mídia impressa ou na internet. A terceirização da produção de mensagens para profissionais da Avenida Madison, em Nova York, ou para as diversas empresas do ramo que existem no entorno de Washington, D.C., em nada ajuda um sargento na sua patrulha pelas localidades de Ar Ramadi e Lashkar Gah.

Nada pode substituir o valor do combatente de informações com longa experiência em idiomas, adquirida graças a uma imersão cultural. O recente artigo de Ashley Jackson, no jornal *RUSI*, destaca vários sucessos das Forças Especiais britânicas na retaguarda do inimigo, durante as Primeira e Segunda Guerras Mundiais². Essas Forças foram comandadas por oficiais e empresários que passaram grande parte das suas vidas nesses teatros de operações, tendo sido o mais bem-sucedido e relevante o famoso Tenente-Coronel Thomas E. Lawrence (o “Lawrence da Arábia”). E isso é o que o Exército enfrenta, hoje: forças oponentes que sabem o que o povo local quer ouvir e que conhecem as ameaças, as promessas e os apelos religiosos ou tribais que irão levá-los a se comportar de certa maneira.

Esse problema irá persistir enquanto os especialistas de informações não puderem “entrar” em uma cultura por meio de uma estadia de longo prazo em um único país, algo atualmente não compatível com o plano de carreira de um oficial. Embora o Instituto de Idiomas Estrangeiros do Departamento de Defesa possa proporcionar a compreensão de um determinado idioma — algo valioso nas patrulhas e nos interrogatórios — isso não é o suficiente para transformá-los em “mestres de mensagens”. É necessária uma imersão cultural, coabitando com a população (não vale ser apenas um integrante de uma equipe de operações psicológicas em uma base avançada de operações). O ambiente operacional atual permite que especialistas de informações tenham a oportunidade de adquirir exposição direta e pessoal por meio das equipes de reconstrução provincial e das funções de assessor ou de instrutor. A passagem por essas funções deveria ser obrigatória para todos os combatentes de informações.

- **Conhecer suas ferramentas.** A coordenação de uma variedade de capacidades cinéticas e não cinéticas, em um ambiente humano dinâmico, apresenta um amplo e complexo conjunto de soluções operacionais ao especialista de informações. Ele deve ser um mestre no pensamento crítico e no discernimento técnico. As habilidades essenciais das Op Info abrangem as ciências exatas e as humanas (ou sociais), com a guerra eletrônica e as operações de redes de computadores em um extremo do espectro e com as operações psicológicas, a

dissimulação militar e a segurança operacional no outro. As duas extremidades tendem a atrair tipos diferentes de personalidade e é raro encontrar um indivíduo que seja uma mistura natural e ideal de técnico e filósofo. O objetivo de fundir a guerra eletrônica, as operações de redes de computadores, as operações psicológicas, a dissimulação militar e a segurança operacional em um só conjunto foi gerar um efeito sinérgico pela combinação de suas capacidades em uma espécie de equipe de Armas Combinadas cognitiva. No entanto, tornar-

...o “ambiente de informações” é agora o principal campo de batalha.

-se proficiente em uma dessas disciplinas, sem falar nas várias subdisciplinas, exige anos de instrução e experiência em campanha. A comunidade da Guerra Eletrônica tem sido a mais enfática sobre os pontos negativos que resultam da reunião de aptidões nas Op Info; uma alegação frequente é a de que um especialista de informações é como um poço de água com três metros de largura, mas apenas trinta centímetros de profundidade, enquanto um oficial da Guerra Eletrônica seria o oposto.

Pode ser impossível que o combatente de informações seja “tudo para todos”, mas é possível prepará-lo para que esteja familiarizado o suficiente com cada uma das habilidades essenciais e saiba como e quando usá-las para alcançar os objetivos ou, quando for o caso, reconhecer que não será capaz de fazê-lo. A familiarização com todas as habilidades essenciais das Op Info é algo imprescindível, porque uma característica humana comum é seguir a linha de ação mais confortável em tempos de crise e de estresse, em vez de fazer aquilo que é melhor. Pode-se comparar essa ideia com o dito popular que diz que “Se tudo que você possuir for um martelo, então todos os seus problemas serão como pregos”. Embora o treinamento possa permitir a um indivíduo alcançar um grande proficiência no desempenho de sua função em situações de estresse, é possível que se perca o foco na razão

pela qual a função foi criada. Uma boa base sobre cada uma das habilidades essenciais requeridas, aliado à adequada compreensão da estratégia nacional, pode evitar a perda de foco durante a execução de operações de informações.

Para sentir-se familiarizado com cada uma das habilidades essenciais, serão necessários afastamentos periódicos para treinamento em universidades ou em escolas especializadas de longo prazo, para aprender e permanecer atualizado nos vários conjuntos de habilidades requeridos pelas Op Info. Estudar ou lecionar em universidades ou escolas técnicas militares no estrangeiro é uma opção para vincular esses afastamentos à imersão cultural e linguística. Isso, naturalmente, fará com que o combatente de informações fique fora dos rodízios por mais tempo do que os seus companheiros de Força. No final das contas, o que é importante é a experiência de uma educação interdisciplinar para que ele comece a pensar em formas progressivamente mais criativas, de modo a vincular as capacidades aos objetivos da missão.

Ainda assim, o combatente de informações não será capaz de fazer tudo sozinho. Ele terá de contar com um grupo de oficiais especialistas e graduados tecnicamente habilitados para desempenhar as tarefas altamente especializadas que compõem as habilidades essenciais. Por exemplo, são necessários sete anos para treinar um especialista verdadeiramente competente em Inteligência Eletrônica. Essa progressão não é boa para uma carreira de oficial, tampouco serve para a obtenção de outras formas de treinamento.

● **Conhecer a organização.** Um combatente de informações pode ser de grande valia para as forças-tarefas, os comandantes de Forças conjuntas, as equipes de Estado-Maior, e assim por diante, se possuir o treinamento tanto nas ciências exatas como nas humanas. No entanto, a não ser que consiga que outros no comando a que pertence (especialmente o pessoal de operações — as 3^{as} Seções) entendam como suas habilidades essenciais contribuem para a conquista dos objetivos da missão e as incorporem em suas linhas de ação, então seria o mesmo que ele não tivesse recebido o treinamento.

As operações de informações são eventos não cinéticos na terra das atividades cinéticas. As unidades estão cheias de oficiais que entram

para o Exército pensando em concentrar poder de fogo contra alvos e que pretendem obter suas promoções com base nessa sua capacidade. Os combatentes de informações são os “patinhos feios”, tais como os oficiais de Inteligência, que prometem agregar valor às atividades militares, mas têm métodos e resultados quase imperceptíveis (falta-lhes o impacto visual, psicológico e mensurável que têm as explosões, por exemplo). A Força Terrestre não quer que as unidades executem as Op Info só porque o Departamento do Exército requer que certo número de atividades desse tipo seja cumprido, a cada trimestre. Ela quer que suas unidades reconheçam o valor da coordenação da “mão estendida” das Op Info com o “punho cerrado” das operações cinéticas. O Comando Estratégico dos EUA levará anos até desenvolver munções que sejam eficazes em todas as habilidades das Op Info. No entanto, mesmo quando elas forem incorporadas ao planejamento, sem a existência de um bom combatente de informações — ou sem prévio treinamento em Op Info — esses estados-maiores irão recorrer sempre àquilo que sabem bem e com o que se sentem confortáveis. Os seres-humanos frequentemente preferem optar pela solução de 70% de chance que eles conhecem, ao invés de optar pela de 90% que não conhecem.

Esse é o tipo de ambiente que todos os especialistas de informações devem estar preparados para encontrar. Muitos comandantes que já lidaram repetidamente com populações propensas a manifestações violentas (precisando de boas operações psicológicas), ou com explosivos acionados por controle remoto (exigindo a guerra eletrônica), reconhecem as limitações do “punho cerrado”. Mesmo nesses casos, os combatentes de informações ainda serão vistos como aqueles que tentam impor o novo, o diferente — ou seja, aquele que “tumulua” o planejamento.

O especialista de informações precisa compartilhar o estilo de vida e as preocupações dos soldados que trabalham com ele. Precisa ser capaz de conversar com eles e conseguir que percebam que ele conhece o seu dia-a-dia. As frequentes designações para ocupar outros cargos, nos quais as Op Info não são o foco principal, têm duas vantagens: expõem o combatente de informações a como outros militares trabalham e selecionam suas linhas de ação, e levam alguém



Exército dos EUA, Sgt Luis Delgadillo

O Subcomandante da 2ª Brigada de Combate, da 3ª Divisão de Infantaria, ouve um xeque expressar suas preocupações, durante uma reunião na Base Avançada de Operações Kalsu, enquanto um Sargento de Operações de Informações toma notas, 4 Jan 10.

que sabe como empregar as Op Info às unidades que talvez ainda não tenham percebido o que as Op Info podem fazer por elas. Muitos comandantes de pelotão no Afeganistão não haviam percebido o quão indispensável eram os produtos de Inteligência de imagens proporcionados pela Agência Nacional de Inteligência Geoespacial (*National Geospatial Intelligence Agency*), até que o oficial da Força Aérea dos EUA incorporado às suas forças-tarefas lhes mostrasse a rota que suas patrulhas iam percorrer, antes que saíssem de suas bases. Esse oficial da Força Aérea passou a ser, então, a pessoa mais protegida na unidade. O combatente de informações precisa buscar ter impacto semelhante.

O Caminho à Frente

O combatente de informações deve ser um especialista interdisciplinar no emprego de uma variedade de habilidades das ciências exatas e humanas e saber como essas habilidades irão impactar os elementos políticos, militares, econômicos, sociais, informacionais e de infraestrutura de uma missão. Ele deve entender qual é a situação final desejada, o ambiente de informações e o “terreno humano” da área de responsabilidade

onde atua, bem como a melhor forma de empregar as Op Info para vincular os dois últimos. O combatente de informações é o eixo sobre o qual giram as capacidades não cinéticas de uma Força para complementar a estratégia militar mais ampla, no ambiente de informações.

Não pense que o Exército pode simplesmente estabelecer uma especialidade de Op Info, adestrar uns poucos militares e se considerar pronto para competir. A especialidade é apenas o primeiro passo para a construção de uma vantagem competitiva, o primeiro e há muito esperado passo para uma mudança evolutiva de como o Exército irá lidar com suas missões em um mundo globalizado. Apenas formar mais combatentes de informações e colocá-los em mais lugares é insuficiente. Precisamos desenvolver uma estratégia de treinamento abrangente, lógica e criteriosa, de modo a torná-los relevantes em seu ambiente operacional. **MR**

REFERÊNCIAS

1. United States Joint Publication 3-13, *Information Operations* (Washington, DC: Joint Chiefs of Staff, 2006).
2. JACKSON, Ashley “The Imperial Antecedents to British Special Forces”, *RUSI Journal* 154, no. 3.